

ENTREVISTA:
MOVIMENTOS DE MULHERES NEGRAS EM ESPAÇOS DE PODER
COM VILMA REIS

Charlene da Silva Borges¹.



Vilma Reis sendo entrevistada por Charlene da Silva Borges

¹ Defensora Pública Federal, Mestranda em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismos- PPGNEIM. UFBA.

O encontro para a realização da entrevista foi realizado no dia 22 de julho de 2019, com início às 10:30h e término às 12:30h, nas dependências do CEAO- CENTRO DE ESTUDOS AFRO ORIENTAIS, no Bairro Dois de Julho, Salvador, onde a entrevistada cursa doutorado. Vilma Reis é socióloga, Doutoranda em Estudos Étnicos e Africanos do Programa Multidisciplinar em Estudos Étnicos e Africanos da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - POSAFRO/CEAO-FFCH-UFBA, e Ex- Ouvidora da Defensoria Pública do Estado da Bahia e pré candidata à Prefeitura de Salvador-BA.

A entrevista foi precedida por conversa amigável entre as partes, em um momento em que entrevistada estava sofrendo com problemas vocais em virtude da cansativa jornada de compromissos por conta da agenda do “Julho das Pretas²”, mas ainda assim, gentilmente, colaborou para a realização deste trabalho.

Nesse contexto, expliquei o objetivo da entrevista, em razão da minha condição de pesquisadora em estudos e gênero e feminismos, bem como o interesse em fazer algumas perguntas relacionadas ao escopo das relações de Gênero e Poder, especificamente em relação à realidade de mulheres negras e atuação política através de movimentos e coletivos.

Afinal, independente da circunstância notória de se tratar de uma pré-candidata à Prefeitura de Salvador, a entrevistada é uma figura de alta representatividade e prestígio entre as mulheres negras do Estado da Bahia, com um vasto histórico de ocupação dos espaços de poder, e militância junto aos movimentos de mulheres negras.

² O Julho das Pretas é uma agenda conjunta e propositiva com organizações e movimento de mulheres negras da Bahia, região Nordeste, e mais alguns estados do país, voltada para o fortalecimento das organizações de mulheres negras. Fonte: <https://institutoodara.org.br/julho-das-pretas/>. Acesso em 31/08/2019.

A ENTREVISTA

Você pode fazer um breve resumo da origem da sua trajetória, da sua história de vida?

V: Eu nasci aqui em Salvador e cresci em Nazaré das Farinhas-BA, aqui no Recôncavo, e cresci com uma avó numa cidade negra. Nós víamos os negros e os brancos vivendo naquela cidade, mas sempre os brancos iam para a “Bahia”, que era Salvador, para virar doutor. Os negros ficavam lá.

Minha avó era uma mulher negra nascida ainda em um engenho, em 1911. Eu sou “*Reis*” (sobrenome) por que ela nasceu em seis de janeiro e, daí, mudou o nome de toda a família. Catolicismo popular... Minha avó nasceu num engenho, quer dizer, a escravidão acabou, mas no Recôncavo as relações ainda são extremamente coloniais. Aqui também, né? Extremamente coloniais.

A gente cresceu num contexto em que para os negros tudo estava dado, de modo que a realidade seria sempre aquela mesma. Minha avó sempre se rebelou quanto a isso e teve que se casar muito jovem. Naquela época, ter treze anos já era muita idade para o tanto que o nosso povo vivia (...),

A gente cresceu em Nazaré. Quando você cresce no interior, você não tem nome, né? Você é filho ou neto de alguém. Nós éramos as netas de Mariola, as netas daquela mulher que veio da roça e a gente nunca perdeu a ligação com a roça. Muito do que a gente bota hoje na luta vem dessa memória, também.

Minha avó já tinha uma certa idade quando eu cheguei em Nazaré e ela voltou pro Mobral³ para estudar, para poder ajudar a gente. Isso é uma coisa muito forte! Porque eu vejo hoje como as mulheres negras estão lutando e o a que gente fez aqui no CEAO/ CEAFFRO, durante quase vinte anos, e vendo a luta das mulheres nos terreiros,

nos blocos afro, nas associações de bairro, em cada lugar, para, tipo assim, segurar a juventude negra.

Minha avó teve esse momento. Depois ela disse assim: “ *Vocês têm que voltar pra Bahia, porque eu tô limpando a casa dos brancos, agora vocês têm que virar doutora né?*”. É por isso que quando a gente se lança num desafio, eu sempre acho que a gente vai ser muito bem sucedida.

Imagine! A gente virar Ouvidora Geral de uma Defensoria e depois coordenar um Conselho Nacional de Ouvidorias e virar o que virou essa discussão no Brasil. Eu sempre acredito, porque minha avó plantou esses sonhos.

Em relação ao Movimento de Mulheres Negras, quando eu cheguei nessa cidade, elas plantaram esses sonhos de liberdade na nossa cabeça. Eu me lembro que quando cheguei em Salvador, em 1983/ 1984, o meu pai já era barraqueiro de Festa de Largo. Naquela época, ele só tinha filhas e nós trabalhávamos “rentes” ali com ele, pegávamos um engradado de cerveja igual como os meninos faziam. Isso é uma coisa muito forte, é uma ética de trabalhar, estudar e minha avó estava sempre monitorando e dizendo para a gente para a gente estudar.

Não existia escola pública dessa forma como tem hoje, no início dos anos setenta. Naquela década de setenta, tudo era feito de muito *não* para os negros, havia muitos “*nãos*”. Você ia na *Sociedade* de Nazaré, na *Rádio Sociedade Clube fm* e não tinha pessoas negras.

Minha avó sempre foi uma grande cozinheira em Nazaré das Farinhas, fazia todas as comidas e coisas dos grandes casamentos da cidade. A gente vivia nessa fronteira, vendo o mundo rico e abastado.

De outro jeito, eu vivi muita coisa, ao ir para a roça, fazer roça de meia. Eu sempre tinha dois pacotes de livro iguais, quase todo ano, porque chegava a lista dos livros e minha avó corria para comprar com aquele dinheiro que ela guardava religiosamente e, depois, quando chegava junho, meu pai mandava os livros. Aí minha avó dizia “*Hum.. lá vem.. Agora que o*

³ Movimento Brasileiro de Alfabetização

Wilson mandou os livros!". Mas, de algum modo, eu achava aquilo importante, porque às vezes tinha algum colega ou alguma colega que não tinha livros e minha avó sempre pegava e doava para esse. Anos depois eu pensei: " *Poxa, mas ele mandava*". Porque sempre ele estava atrapalhado com a grana, mas ele mandava!

Depois eu pensei: "*Poxa como que hoje as mulheres que estão comprando esses livros sozinha, né?*". Mas é essa questão da gente estar lá trabalhando e tendo que estudar. Depois, a gente alcançou uma vaga na escola pública. Quando eu cheguei em Salvador, fui estudar na Vila de Menores em Paripe, que era uma escola. Eu vivia na condição de semi interna, porque às vezes eu passava o dia todo lá. Os meninos, que naquela época já estavam no que hoje a gente chama 'em conflito com a lei', iam para Vila de Menores em Paripe e passavam o dia inteiro, moravam lá e iam para as oficinas. Parecia meio que uma Escola Técnica, mas como uma escola agrícola, alguma coisa assim. Tinha também um maquinário para aprender outras coisas, mas aquela escola tinha outras coisas que nos deu base também para questões que a gente depois podia pensar na 'Cidade Mãe' né?

Como ocorreu o seu contato com o movimento estudantil?

Quando eu me aproximei do Movimento Estudantil, foi através do Movimento de Defesa da Escola Pública. Eu conheci Terezinha Barros. Conheci muitas. Maria José, que era presidente da APLB sindicato, foi uma liderança importante deste Estado e depois virou Deputada Estadual. Tomou outros rumos, né? Lá em Brasília... Mas, Pelegrino (Nelson), super jovem naquela época, era advogado. Tipo advogado popular que chegava lá junto com o povo do PT. Todo mundo naqueles anos oitenta tinha muita coragem. E a gente começou um grupo de teatro, eu e o meu colega André. A gente falava: "*Não a gente tem que ir. Tem que ir porque lá que a gente tem que mostrar o que a gente tá fazendo nessa escola*".

Eu acho que a gente foi juntando muita coragem ali. Quando eu terminei o Ensino Fundamental à noite, já estava com dezoito anos, fazendo jogo-de-bicho, lá no Chame-Chame, e já tinha passado uma experiência bem difícil de ser ajudante de baiana de acarajé lá na Cidade Nova, já tinha passado por várias situações do trabalho doméstico. E fiquei no trabalho doméstico até 1988 aqui nessa cidade, porque minha família tinha que fazer tudo para produzir dinheiro. Eu morei nessa cidade inteira. Acho que em qualquer bairro que você perguntar, eu já morei. É uma coisa! E isso tinha a ver com a situação de empobrecimento. Eu acho que tinha um momento em que meu pai tinha muita vergonha de dizer a minha avó o que a gente também estava passando aqui.

Ele não dizia e nem incentivava a gente a falar nada com minha avó. Eu achava aquilo bem interessante. Foi assim que eu cheguei ao Colégio Central. Em 1989 para 1990, disputamos a primeira eleição no grêmio do Colégio Central.

Em 90, a gente ganhou a eleição e, dali em diante, já fomos dirigir a União Metropolitana dos Estudantes Secundaristas. Depois, até chegar no DCE da UFBA, foi uma longa caminhada, mas quando nós chegamos no Colégio Central, e eu falo "nós", assim, porque naquela época eu já estava dentro do Movimento de Mulheres Negras.

Lembro que em 1991, em Salvador, aconteceu o Segundo Encontro Nacional de Mulheres Negras. Eu já estava numa organização que era o Coletivo de Mulheres Negras da Bahia, que tinha Kátia Melo, a qual havia fundado a Escola Criativa do Olodum. Kátia, Cristina Rodrigues, irmã de João Jorge, Jussara Santana, que é do Espiral do Reggae, todas essas mulheres estavam dentro do Coletivo de Mulheres Negras da Bahia. Ali em 1990 para 1992, seria os tais 500 anos da América. Na casa do Benin, a gente criou um fórum para debater o que era isso. Imagine, em 1991, 1992, foi quando eu tive contato com um Movimento Negro muito mais amplo. Porque

foi o ano do encontro que constituiu a CONEN.⁴ Nós fomos a São Paulo. Ali já estava criada a UNEGRO.⁵ Leo Ornelas era uma das principais lideranças públicas da UNEGRO e eu era muito próxima de Leo, que me chamou para ir a São Paulo. Nesse primeiro Encontro Nacional de Entidades Negras, imagine, Florestan Fernandes, Luiza Bairros, todo mundo estava lá para abrir esse encontro, imagine! A gente tudo menina, a gente achando tudo incrível entrar no Pacaembu e ver aquele mundo de organizações negras.

Eu me lembro que, quando eu retornei para Bahia, as mulheres do NEIM, particularmente Cecília Sardenberg, que perguntou: “*e as questões das mulheres?*” Eu falei: “*Olha professora...*” eu estudava no Central né? A gente dirigia o grêmio do Central, Central tocando fogo nessa cidade, nós tínhamos feito uma luta poderosa para conquistar o passe, a meia passagem para os estudantes, acabou o governo de Fernando José, estava uma luta em Salvador e a gente conseguiu a meia passagem, então o Colégio Central era um farol. Quando a Cecília Sardenberg falou “*Mas será que dá pra gente fazer uma discussão no 8 de março, num colégio?*”, já que a escola era tão grande (o Central tinha sete mil e novecentos alunos, era uma coisa alucinante). E, naquela época tinha ocorrido algo importante: em 1989, quando Waldir Pires saiu para concorrer à presidência, deixou o Governo e Nilo Coelho assumiu naquele ano, por falta de cinquenta e cinco professores, todos os alunos do Colégio Central foram reprovados. Assim, mantiveram o ano anulado. Por que? Era inviável! Não existia um ano letivo. Ali estava aquela situação muito difícil e Cecília falou: “*Então dá pra gente fazer um debate lá?*”. Dissemos: “*Vamos professora que vai dar tudo*

certo.” A gente era “legitimidade”, a gente tinha um diálogo real com os estudantes em cada pavilhão daquela escola.

Quando Cecília chegou lá, no Central, ela ficou arrepiada! Porque a gente lotou o anfiteatro de Química e as estudantes, os estudantes, os professores, todo mundo estava interessado no debate. Ela ficou alucinada: “*Meu Deus, eu não posso acreditar! A gente não consegue fazer isso na universidade!*”

Eu disse: “*Não professora, a gente tá aqui acreditando na gente mesmo, né?*”. E foi interessante porque as professoras, mesmo que elas tivessem medo dessas coisas do governo, elas liberaram os alunos para ir. Foi uma coisa tão linda e Cecília saiu de lá pensando: “*é tudo possível!*”.

Então foi esse espaço que a gente criou no Colégio Central e a gente foi espalhando por várias escolas de Salvador esse debate (que a gente nem estava falando em gênero, a gente estava falando dos direitos das mulheres), mas ali deu uma virada também na nossa cabeça. Porque a gente não tinha ideia do alcance que teria aquele debate e quando a gente viu o Anfiteatro lotado, a gente pensou: “*Bom, a gente precisa falar disso em outros lugares!*”

O Movimento de Mulheres Negras estava ali se organizando para fazer um encontro na Bahia e muitas coisas a gente começou a fazer no [Colégio] Central, no [Colégio] Severino Vieira, no ICEIA⁶ e até mesmo na Escola Técnica que, as vezes, era muito elitizada.

Qual foi o curso de Graduação em que você ingressou?

V: Eu inscrevi para Ciências Sociais.

Qual foi o ano?

Em 1995, eu fiz vestibular para Pedagogia na UNEB. Passei, mas eu não tinha onde morar

⁴ CONEN: Coordenação Nacional de Entidades Negras, Construída a partir de uma articulação das organizações participantes do I Encontro Nacional de Entidades Negras – ENEN, realizado na cidade de São Paulo em novembro do ano de 1991, <https://www.conen.org.br/>

⁵ UNEGRO: União de Negros pela Igualdade, entidade nacional suprapartidária, fundada em 14 de julho de 1988, em Salvador, na Bahia.

⁶ ICEIA - Instituto Central de Educação Isaias Alves

em Salvador. Minha única alternativa era voltar para casa da minha avó em Nazaré das Farinhas. Eu falei que não! Meu pai já estava morando na Itinga, já tinha outra família e todo mundo já tinha pego o seu rumo. Eu falei: “*Não eu vou fazer UFBA porque eu preciso ter onde morar.*” E eu passei na UNEB, passei na UFBA e eu fui fazer Ciências Sociais. Era muito incrível porque muitos dos textos eu li no início da minha graduação, na verdade, muitos daqueles autores os pais de Juanita mandava caixas e caixas de livros para ela em Viena, então, tipo assim, a gente tomou contato com uma literatura, um tipo de produção científica. Eu já cheguei bem mais velha na universidade, eu voltei de Viena com 25 anos e a gente já tinha ouvido falar de Césaire, Frantz Fanon e Leopold Senghor.

A gente já tava ouvindo falar de ANC,⁷ de tudo isso antes de chegar na Universidade Federal porque eu vivi essa experiência intensamente em Viena, pegava as caixas de livro, às vezes era eu mesma que tava abrindo para e lendo tudo e ouvindo. Eu me lembro que Gil tava fazendo show “Tropicália”, em Viena, e a gente lotou o show de Gil num frio de matar. Eu voltei meio cabeça feita para Salvador, e foi bem difícil porque ao mesmo tempo que eu vivia aqui uma experiência de ser uma menina de movimento estudantil que vivia muito pobre, mas vivia intensamente com uma classe média, branca, que não tava preocupada com o que ia comer no outro dia, eu tava sempre preocupada com o que eu ia comer no outro dia.

E nessa época da graduação, quais foram suas principais referências acadêmicas nesse período?

V: Ave Maria, ali a gente estava ouvindo o que as intelectuais como Luiza Bairros do movimento negro estavam falando, a gente estava

⁷ ANC - Congresso Nacional Africano (CNA; em inglês *African National Congress*, ANC) é um movimento e partido político sul-africano, que teve Nelson Mandela como figura central.

ouvindo Luiza, a gente estava ouvindo Ana Célia, a gente estava ouvindo Fátima Oliveira e Sueli Carneiro, porque essas mulheres eram da nossa convivência. Quando a gente chegou, quando eu por exemplo cheguei na UFBA, nenhuma delas eram citadas. Nós não tínhamos contato com a literatura americana e os professores também não tratavam delas, nem as professoras que estavam dentro desse campo de estudo de gênero. Não tinha nenhum debate sobre a questão racial. A questão racial começa a vir ali, em 96, porque tinha ocorrido o SENUN e o SENUN brota na UFBA - Seminário Nacional de Negros e Negras Universitários.

Em 99, eu lembro que Jocélio levou o curso de Antropologia do Negro no Brasil, levou Ruth Landes, *Cidade das Mulheres*⁸, levou Guerreiro Ramos com “*A Redução Sociológica*”⁹, havia muito de Thales de Azevedo. O máximo que as pessoas conseguiam ao entrar no debate racial era tratar sobre “As Elites de Cor” de Thales de Azevedo¹⁰. Luiza Bairros, apesar de ter escrito a dissertação de mestrado em 87; apesar de Cecília Soares já ter defendido uma tese de dissertação de Mestrado : “*Mulher negra na Bahia no século XIX*”¹¹; Isabel Cristina estava escrevendo sobre família negra no século XIX¹². Essas mulheres não eram citadas em São Lázaro, estranhamente. Nós que começamos a levar. Quando a gente lia a *Cidade das Mulheres*, ficava uma lacuna. Como foi possível isso?

Quando a gente viu Guerreiro Ramos, Oracy Nogueira, que é um dos autores que

⁸ LANDES, Ruth. 2002. *A Cidade das Mulheres*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ

⁹ RAMOS, Guerreiro. *A Redução Sociológica e o Imaginário Pós-Colonial*. Caderno CRH, vol. 25, núm. 65, mayo-agosto, 2012

¹⁰ AZEVEDO, Thales de. *As elites de cor: um estudo de ascensão social*. São Paulo, Comp. Editora Nacional, 1955

¹¹ SOARES, C. M. *Mulher negra na Bahia do século XIX*. Salvador, 1994. Dissertação de mestrado.

¹² REIS, Isabel Cristina Ferreira dos. *A família negra no tempo da escravidão: Bahia, 1850-1888*. 2007. 305p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em:

<<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280899>>. Acesso em: 8 ago. 2019.

apareceram no curso em 1999,(lembro que a gente pegou uma sala, pois não tinha sala em São Lázaro que era “desse tamanho”), a gente pegou uma sala na Politécnica ali na entrada e vendo esses autores, a gente ficava assim: “Uma coisa não conecta com a outra”! A gente estava vivendo a experiência intensa do movimento negro. O movimento negro fazia “das tripas coração” para a partir da Marcha de 300 anos de Zumbi. Em 95, teve uma agenda que o movimento negro “botou” sobre a mesa que não dava mais para ser indiferente. A gente estava vivendo isso intensamente. Em 97, a gente reorganizou o Fórum de Mulheres Negras em Salvador. Em 95, estava indo fazer as reuniões na Escola de Belas Artes e depois aqui no Edifício Oxumarê. Então reorganizamos o fórum de Mulheres de Salvador. A gente organizou o Conselho Municipal da Mulher e ninguém entendia o que era aquilo, estávamos peitando a discussão, e 96. Eu, Carmem Sacramento, Terezinha Barros e algumas mulheres de um campo petista e algumas mulheres mais do campo do partido comunista. Havia muitas mulheres do campo petista que não tinham tendência. Nós fomos ao encontro do CFEMEA¹³ em Brasília e naquele encontro seria decidido quem iria acolher o 12º Encontro Nacional Feminista. Havia um debate cruel dentro do movimento de que as mulheres negras não eram feministas. (Ahá!)

Mas a que se atribuía esse tipo de conclusão?

V: É como se a gente não dominasse a teoria feminista, então feminista não éramos. Essa teoria feminista, acadêmica, branca e norte-americana. Em 95, em um dossiê que Matilde Ribeiro organizou (Matilde que vinte anos depois seria Ministra da Igualdade Racial), o primeiro dossiê de mulheres negras dentro da Revista

Estudos Feministas¹⁴. Pela primeira vez no Brasil, vinte e duas mulheres negras publicaram juntas numa revista científica acadêmica da Universidade Federal de Santa Catarina. Luiza Bairos escreveu ali um texto chamado “Nossos Feminismos Revisitados”¹⁵. Aquilo era a resposta de Luiza, que estava no doutorado em Michigan-EUA e tinha saído daqui em 94. Em 95, Luiza publica esse texto que hoje é histórico e nós estávamos extremamente impactadas com aquele texto, porque era como se fosse a nossa verdade, entende?

Luiza foi para todas as escolas de feminismo e disse: “Nós somos feministas!”. A questão é que a nossa experiência vem da comunidade, vem do vivido e vem do que nós estamos vivendo.

A gente foi para Brasília para o encontro do CFEMEA, foram três dias intensos em Brasília e quando se decidiu votar onde seria o próximo encontro nacional feminista, nenhuma das delegações do Brasil inteiro que estava lá levantou a mão. Nós: Marta do Calafate, Terezinha Barros, Carmen Sacramento e eu levantamos a mão. Nós falamos: “*O próximo encontro nacional feminista será na Bahia!*”. As feministas brancas da Bahia que estavam naquela cena ficaram horrorizadas. E as feministas brancas do país inteiro ficaram mais ainda. Elas falavam: “*Mas como?*”

E aí se abriu todo um debate se nós éramos ou não éramos feministas. Isso atingiu uma discussão dentro de agências de apoio, isso atingiu discussão nos Coletivos Feministas brancos acadêmicos sobre o intenso controle de grupos que não eram constituídos por mulheres negras. Nós peitamos e falamos: o 12º Encontro Nacional feminista vai acontecer na Bahia. Dali em diante, nossa própria vida mudou para sempre, porque ali a gente provocou uma espécie de Virada.

O 12º Encontro aconteceu no dia 28 de outubro à primeiro de novembro, em 1997,

¹³ O Centro Feminista de Estudos e Assessoria é uma organização não-governamental, sem fins lucrativos. <http://www.cfemea.org.br/>

¹⁴ RIBEIRO, Matilde. *Revista de Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2. 1995. Dossiê Mulheres Negras.

¹⁵ BAIROS, Luiza. *Nossos Feminismos Revisitados*. Revista Estudos feministas. Nº2\95. vol.3. 1995.

"Gênero com diversidade no País da exclusão". O símbolo era uma mulher negra pegando um berimbau com as cores da união, da unidade africana.



Ali a gente estava fazendo uma disputa de narrativa muito grande com um outro feminismo e as feministas negras reconhecidas nacionalmente como feministas, como Jurema Werneck, Vânia Santana, Luiza Bairros, Sueli Carneiro e Fátima Oliveira tomaram a briga por nós.

Essas foram as suas primeiras referências em termo de feminismo negro?

Sim. Elas tomaram a batalha por nós, porque elas tinham muita aproximação com essas outras mulheres que estavam dizendo que não ia acontecer um encontro feminista aqui. E elas disseram: *“vai ser um Encontro Feminista sim, agora não vai ser nunca mais como todos os outros que aconteceram.”* E isso era mais ou menos janeiro ou fevereiro de 1996, e quando chegamos ao outubro de 97, nós fizemos um encontro no Hotel da Bahia. Tinha 722 Mulheres do Brasil inteiro, e nós tínhamos 25 representações de outros países dentro do encontro. Era uma coisa inédita, né?

A gente conseguiu Francis Mary, que havia sido a conselheira de muitos presidentes Democratas nos Estados Unidos sobre políticas de ações afirmativas. Uma mulher que tinha 24 títulos de Doutor honoris causa. Havia naquele momento muito diálogo com lideranças negras norte-americanas, muitas se encontraram aqui nessa sala (CEAO). E nós conseguimos que muitas mulheres da Holanda, da Áustria, dessa conexão com Célia Mara. Célia Mara, da Áustria,

conseguiu apoio pro encontro e a Áustria é uma agência de apoio muito próxima. Então, a gente derrubou as portas e pela primeira vez as mulheres brancas feministas brasileiras não eram as interlocutoras nas agências de apoio ao encontro que envolvia mulheres negras. Foi muito uma virada ali!

O olhar para frente que teve Sueli Carneiro, Fátima Oliveira (que já partiu), Luiza Bairros (que já partiu) - é inacreditável a gente dizer isso - essas mulheres... Vânia Santana, eu me lembro que no Rio Janeiro, em salas lotadas, defendia o encontro e dizia: *“Esse é um Encontro Feminista Histórico”*. Realmente, a gente conseguiu fazer esse encontro, a gente tomou o Hotel da Bahia em um encontro que custou 152 mil dólares e que a gente conseguiu captar dinheiro no mundo inteiro para fazer. Foi uma coisa histórica.

Dali em seguida, a companheira Dulce Pereira, naquele momento presidente da Fundação Palmares, estava saindo da Palmares e estava indo para Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). Ela foi uma das mulheres que mediou territórios pós-conflito como Kosovo e Timor leste.

Naquele momento, Dulce Pereira convidou esse coletivo de mulheres que estava sustentando o Fórum de Mulheres de Salvador a ir nesse Fórum dentro também do Hotel da Bahia. Algum tempo depois, em seguida, essa organização política das mulheres negras participou da primeira vez que Angela Davis veio no Brasil, na jornada Lélia Gonzalez, em São Luís do Maranhão. Fomos para São Luís. Ali a gente já tava junto. Luiza Bairros, Valdeci Nascimento, Dete Lima e Wanda Chase, todo mundo foi ao Maranhão para encontrar Ângela Davis. Nós éramos 148 mulheres negras com Angela Davis. A gente foi para Alcântara, no Maranhão, pense aí!

Qual o ano?

Final de 1997. A jornada Lélia Gonzalez foi uma coisa impressionante.

Eu não sei nem como é que a gente aguentou aquele ano de 97, entende? Em 98, Jurema Werneck, a gente estava super próxima e construindo muita coisa junto, a Criola¹⁶ estava bombando nacionalmente como organização negra, e Jurema, quando teve a oportunidade junto com Maria Luiza Mendonca, quando o Crioula junto com a Globo Exchange fez um programa transnacional com mulheres negras feministas, disse: "*acho que você deveria concorrer a bolsa e ir para os Estados Unidos*". Porque eu já tinha acabado a licenciatura em Ciências Sociais, em Sociologia. Jurema disse: "*Acho que você deveria se preparar*". Eu sei que eu disputei essa bolsa com 490 mulheres e eu fiquei: "*Meu Deus será que eu consigo?*". Consegui.

Fui eu, Cláudia Cardoso, que hoje é professora do Campus V da UNEB e era do Maria- Mulher no Rio Grande do Sul e agora é professora da UNEB há muitos anos, e Cátia Santos, que vem das Letras, da Cidade de Deus, no Rio de Janeiro.

Nós três fomos para esse programa em Washington, em 1998, e foi outra virada importante porque nós fomos para um centro de Relações Internacionais na Universidade em Silver Spring, na Universidade de Harvard. Uma experiência feita com mulheres negras dentro de um campo de governança, onde nós tínhamos que interagir com o Banco Interamericano de Desenvolvimento.

Havia a Organização Panamericana de Saúde (Opas) e Maria José Araújo, que hoje está aqui na Bahia, médica, feminista da Rede Nacional Feminista de Saúde, muito ligada ao NEIM também, foi quem nos recebeu em Washington nessa experiência. Aquilo tudo era

processo de formação que essas mulheres estavam nos proporcionando. Eu me lembro que foi um semestre de verão que a gente passou em Washington e o quanto que foi importante para nós irmos e vivenciarmos isso.

Em 2000, Luiza Bairros dentro do Centro de Recursos Humanos da UFBA (CRH) começou a fazer o programa "Raça e Democracia nas Américas". Estava eu, Silvio Humberto, Lindinalva Barbosa, Marta Roda, Edna Araújo, que é da UEFS, muita gente que hoje estão em posições de comando de liderança. A professora Ivete Sacramento, o queridíssimo José Carlos Limeira, que já se foi. Nós fomos um ano depois para Califórnia com Sueli Carneiro, com Lourdinha Siqueira, com todas aquelas mulheres que eram fonte de muita potência, né? Raquel Souza, que é nossa queridíssima tradutora e Doutora em Antropologia, já estava ali com a gente.

Antes da gente ir para a Califórnia, principalmente para Sacramento, que era um projeto feito com a Sociedade de Cientistas Políticos Negros dos Estados Unidos, Michael Mitchell, David Covin, Diana Pittsburg, nós tivemos treinamento no CRH dentro do programa Raça e Democracia nas Américas. Nós fomos preparados e preparadas para adentrarmos na pós-graduação numa outra posição. O compromisso inicial dali do programa era nos "*botar*" nos Programas de Pós-Graduação. E todo mundo foi fazer carreira na Pós-Graduação. A gente teve novos cursos de inglês, nós fomos para a Cultura Inglesa e houve muito suporte em metodologia para a gente entrar nos programas de Mestrado e Doutorado.

E quais foram as suas escolhas no campo acadêmico?

V: Eu continuei nas Ciências Sociais pesquisando segurança pública. Eu já havia escrito um TCC. Meu trabalho de graduação foi:

¹⁶ Organização não governamental, sediada no Rio de Janeiro, que tem como missão "Instrumentalizar mulheres, adolescentes e meninas negras para o desenvolvimento de ações para o combate ao racismo, ao sexismo e homofobia e para a melhoria das condições de vida da população negra. Visamos a inserção do patrimônio das mulheres negras como um bem da humanidade".
<https://abong.org.br/associadas/criola/>

"Operação Beiru, ¹⁷falam as mães dos que tombaram". Francisco Santana, marido de Tânia Palma, estava no Fórum de Combate à Violência na escola de Enfermagem da UFBA e trabalhava no Instituto Médico Legal - Nina Rodrigues. Foi um dos caras que me treinou para ler os laudos de exame cadavérico e depois de passar por aquelas experiências, fui ao encontro das mães dos jovens que haviam sido assassinados na Operação Beiru. Foi uma longa jornada, em 2001 - maio de 2001 - eu defendi meu trabalho. Naquele mesmo ano, eu concorri ao Mestrado e entre 2001/2002 eu entrei. Defendi em 2005.

Depois eu fui tocar a vida, já estava aqui no CEAO e entrei no CEAFFRO, no Programa de Promoção à Igualdade Racial e de Gênero do CEAO UFBA, em 2000. Toda minha formação acadêmica está ligada ao processo da luta. Eu não parei de fazer a luta para fazer mestrado. Mesmo a minha dissertação de Mestrado: " Atucaiados pelo Estado"¹⁸ foi no fogo da luta. Era um momento que a gente, em 2004, daqui dessas salas do CEAO construiu todas as medidas que de 2001 a 2004 desembocariam em todas as políticas de ações afirmativas dentro da UFBA.

Desde 1999, eu fui bolsista da Fundação Ford, dentro do Programa A Cor da Bahia, orientada por professor Jocélio, e o primeiro levantamento Nacional que envolveu a UFBA, a Universidade Federal do Maranhão, a Universidade Federal do Paraná, a UNB, e a Universidade Federal do Rio de Janeiro sobre a presença negra nos chamados cursos de alto prestígio, fizemos a partir da base do Programa A Cor da Bahia.

¹⁷ "Operação Beiru", ação da Polícia Militar de Salvador, ocorrida em 1996, contra a população do bairro Beiru, Ver: REIS, Vilma. *Operação Beiru: A ação policial no combate à violência em uma comunidade da periferia de Salvador - Falam as Mães dos que "Tombaram"*. Monografia de Bacharelado em Sociologia, Salvador, FFCH/UFBA, maio de 2001.

¹⁸ Reis, Vilma. Atucaiados pelo Estado: as políticas de segurança pública implementadas nos bairros populares de Salvador e suas representações (1991-2001). Dissertação de mestrado disponível em <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/13695>.

Eu entrei no Ceao em 2000, no momento que a professora Vanda Sá Barreto dialogando com Luiza Bairros, perguntou: " *Luiza eu queria uma pessoa para trabalhar tais questões com a cooperação internacional. A gente fez um levantamento sobre a situação das trabalhadoras domésticas e tem muitas meninas vivendo verdadeira situação de cárcere dentro das casas e precisamos de uma pessoa com um olhar.*" E foi Luiza quem disse a Vanda: " *Eu conheço essa menina, tome aqui pode vir pegar...*". Imagina, há vinte anos atrás!

Quais foram as influências da sua formação política?

Lembro que cheguei aqui em 2004, trabalhando já com o Unicef - *Save the Children* em um trabalho coordenado pelo CEAFFRO. A gente estava ali construindo uma luta dentro da luta porque não havia a possibilidade do tipo de trabalho que a gente fazia aqui, que não está dissociado da luta, também correr em busca pela titulação acadêmica.

Eu terminei o mestrado em dezembro e defendi em dezembro de 2005. Em 2008 eu fiz seleção para UNEB e para UFBA para professora. Passei como substituta na UNEB Campus 19, Camaçari. Terminou que tinha vaga em Seabra e eu fui para Seabra, passei três anos morando na minha mochila. Imagina, depois daqueles anos todos, eu entrei na condição de estagiária do CEAFFRO em 2000 e em 2004 eu já era a coordenadora executiva! Foi uma decisão política daquelas mulheres. Maria Nazaré Mota de Lima, Vanda Sá Barreto, mulheres que constituíram esse programa e que formaram a gente para nós sermos as mulheres que nós somos. Eu acho que é o que vai selando nossos compromissos.

Eu me lembro que em 98, quando eu fui para Washington, as mulheres do Sindoméstico,¹⁹ Creuza Oliveira, Maria do Carmo, Ione, muitas

¹⁹ SINDOMÊSTICO: Sindicato dos Trabalhadores Domésticos.

delas moravam na Mata Escura, Luiza e as meninas todas fizeram uma festa para minha despedida na residência universitária do Canela. Essas mulheres do Sindoméstico foram nessa festa e todas se juntaram para doar R\$ 1 (um real), que era muito dinheiro para elas. Eu acho que isso também vai selando nossos compromissos, a gente não pode esquecer de questões como essa.

Em 2004, quando eu me tornei Coordenadora Executiva do CEAFFRO, era talvez uma das mais jovens mulheres negras a assumir uma posição dentro de uma Universidade Federal. Isso também causou muita perturbação no campo Colonial que está vivo aí. Em outubro de 2004, a professora Vanda me destacou para ir à Suíça representando o CEAFFRO numa Conferência Internacional sobre escravidão moderna. Lá, nós vivenciamos, ao longo de duas semanas, muita coisa. Era aquele primeiro momento do governo Lula onde muita coisa estava acontecendo no Brasil e a gente viu também a importância do Brasil e a importância de se formar lideranças negras que estivessem num ponto de ir também para dirigir o país. E eu me lembro que em 2004, nesse auditório aqui, a gente que começou a fazer as primeiras reuniões de um movimento chamado *Salvador Cidade das Mulheres*. Em 2005, se descobriu que muitas das ideias que a gente ofereceu para 2005/2006 fazer a Conferência da Igualdade Racial, em 2006 viria a formar o que seria o programa de Igualdade Racial do governo Jacques Wagner.

Você não passa de uma escola de formação política dessa e vai passar incólume. Essa é uma formação intensa. A gente vivenciou intensamente os trabalhos do CEAFFRO em defesa das Comunidades Quilombolas, os trabalhos no campo da educação. Por isso que em 2005, Salvador foi a primeira capital brasileira a fazer as diretrizes curriculares para a Lei 10.639/03²⁰.

A capital onde Olívia Santana era secretária de Educação e todas essas experiências saíram daqui dessa escola política chamada CEAFFRO. Depois de muitas, a própria UFBA não tinha mais como aguentar o CEAFFRO, entende? Porque imagine um programa de extensão feito por 26 mulheres negras e própria Procuradoria da UFBA estava entrando em conflito com as questões daqui. Eu me lembro que eu fui para a UNEB, um pouco também para dizer a mim algo do tipo: "Vamos dar um descanso de Salvador". Mas não era possível se desligar de Salvador.

Considerando que sempre você fala da importância da representação e da representatividade de mulheres negras nos espaços de poder, como você enxerga a importância dessa representação através dos movimentos de mulheres negras, politicamente?

V. A Bahia levou muito tempo para se consolidar as organizações de mulheres negras no formato que a gente tem hoje. Eram muitas organizações mistas: UNEGRO, MNU, UNEN. Sempre organizações que, em geral, você tinha homens na frente.

O CEAFFRO já veio em formato de mulheres negras e não era como a típica organização negra, por que nasceu como projeto de extensão. Nasceu como projeto de *Educação para a Cidadania* e depois se criou o nome CEAFFRO. Não era um tempo de organizações mistas e eu considero o seguinte: você vai ter essa virada com tudo que a gente construiu no final dos anos noventa. Você tinha duas grandes organizações negras nacionais que estavam ali influenciando e fazendo escola que era CRIOLA²¹ e GELEDÉS.²²

²⁰ Lei que incluiu no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira",

²¹ Criola é uma organização da sociedade civil com mais de 25 anos de trajetória na defesa e promoção dos direitos das mulheres negras, fundada em 1992, no Rio de Janeiro. <https://criola.org.br/onepage/quem-somos/>

²² Geledés Instituto da mulher Negra, São Paulo. Fundada em 30 de abril de 1988. É uma organização da sociedade civil

GELEDÉS é de 88 e CRIOLA é de 91. Então, elas viveram intensamente os anos noventa fazendo escola, para a gente, era uma espécie de um grande constrangimento o porquê não nascia uma organização de mulheres negras nos parâmetros de GELEDÉS e de CRIOLA na Bahia e nos outros estados.

Eu acho que é fundamental ter organizações de mulheres negras porque efetivamente dá base à construção do pensamento. O que está vivo e se movendo nas organizações é feito pelas mulheres negras. E nos incomodava muito essa postura, muitas vezes dos homens, de dirigir.

Eu acho que a gente vivendo a experiência do CEAFFRO passou a viver outras questões. O que a gente fez com Encontro Nacional Feminista de 97 não deixou dúvida de que nós iríamos desembocar nos anos 2000 com uma organização de mulheres negras e muitas tentativas aconteceram.

Você teve as Ialodês, que era uma organização constituída por mulheres negras da Bahia, um coletivo de mulheres negras que não foi à frente, você tinha as quilombolas, tanto que Prof^o Ubiratan Castro de Araújo, que também já se foi, quando diretor do CEAO, dizia: "qualquer coisa vão conversar com as quilombolas do Dois de Julho" que éramos nós, as mulheres do CEAFFRO.

Na verdade, nem todas nós formávamos as quilombolas que se reuniam lá no Tororó. Mas todas estavam sob essa influência. O percurso dos anos da primeira década dos anos 2000 foi um momento de intensa construção dessas organizações de mulheres negras, o que na Bahia foi algo que foi se dando naturalmente. Tanto que você vê uma organização como o *Odara*²³ e todas elas vieram da mesma matriz que foi o CEAFFRO. Claro que você tem coletivos de mulheres nos

bairros, você tem o Coletivo de Mulheres do Calafate, você tem o Grupo de Mulheres do Alto das Pombas que são grupos que estão fazendo trinta anos que estavam vindo para o CEAFFRO trazendo suas alunas e a gente indo intensamente para essas organizações.

Em relação a esses coletivos de mulheres, na sua visão, eles já possuem uma noção do que é o feminismo ou questões de gênero? É como se fosse um feminismo nascido do seio popular? Como ocorrem essas discussões no âmbito dos coletivos de mulheres?

V: Eu acho que uma organização como o Grupo de Mulheres do Alto das Pombas, elas nascem ali da luta popular, da luta pelo direito à moradia, pelo cuidado com o bairro, por um zelar daquela comunidade que era um grupo de mulheres que vieram com muitas tarefas e, que elas de forma muito contundente deram conta dessas tarefas. Mas nem elas mesmas estavam se reivindicando como feministas.

Eu acho que é um pouco diferente do que ocorre com o Coletivo de Mulheres no Calafate, que nasce depois, porque elas já vêm com muita influência da própria universidade. Muitos grupos como o NEIM, o GEM, o MUSA (do Instituto de Saúde Coletiva) já estão se dirigindo e já têm muita conexão com o grupo de Mulheres do Calafate desde o nascedouro. A conexão de Luíza Ruber, de Estela Aquino, de Grace Menezes, essas mulheres todas do MUSA estavam em intensa conexão com o Grupo de Mulheres do Calafate. Elas estão, nesse momento em que a gente está construindo o Fórum de Mulheres de Salvador, Marta Leiro, Rose ..., Lícia Barbosa todas as mulheres do Calafate, estão lá vivendo a construção do Fórum de Mulheres. Então o debate sobre quem é feminista e quem não é está todo lá. A articulação do Grupo de Mulheres do Calafate com a Articulação de Mulheres Brasileiras (AMB) sempre foi direta, nunca teve aqui uma mediação. Então ela já nasce com o discurso feminista

que se posiciona em defesa de mulheres e negros.

<https://www.geledes.org.br/geledes/quem-somos/>

²³ O ODARA – Instituto da Mulher Negra é uma organização negra e feminista, centrada no legado africano, voltada para o fortalecimento e autonomia das mulheres negras. Criada em Salvador em 2010. <https://institutoodara.org.br/quem-somos/>

encima da mesa. Isso é totalmente diferente em um grupo que nasce no bairro, para resolver as demandas e que é constituído de mulheres muito aguerridas. Eu olho para elas e, para mim, são todas feministas. Mas elas não estavam se reivindicando em muitos momentos nesse lugar. Elas estão mais ali assumindo que são da luta popular.

Uma outra coisa é a aproximação das jovens. Eu venho de um momento do Movimento Feminista Negro em que nós não tínhamos tempo de ser jovens. Nós - como lembrando Luiza - éramos tão poucas que onde a gente chegava a gente tinha que se comportar como dirigentes. E como dirigentes do movimento de mulheres negras, nós não tínhamos esse espaço de nos apresentarmos como jovens feministas. Essa discussão é muito mais recente, essa é uma discussão que vai aparecer lá em meados dos anos 2000 - em particular com a realização do Fórum de Juventude Negra que aconteceu em 2007, em Lauro de Freitas, lá no colégio 2 de julho. Lá eu estava, lá eu vi tudo isso e vi nascer um movimento de jovens negras feministas, que foi ali que a gente começou a ouvir essa construção e esse nome. Mas, antes, a gente estava vivendo e nós tínhamos muita disciplina política e era necessária a disciplina para ouvir as mais velhas. Onde a gente chegava, nós reproduzíamos muito daquela fala, daquele conteúdo aguerrido, da posição que elas estavam defendendo, com o que a gente se identificava muito. Aquele processo que é diferente de hoje, pois o movimento feminista jovem negro tem pauta própria e é atravessada por outras identidades, que é a narrativa da estética, a narrativa da diversidade sexual, a narrativa de ser jovem negra/feminista/quilombola, ou jovem que está lutando na periferia das cidades. A gente não teve chance de viver nada disso. Nós vivemos tudo intensamente e ao mesmo tempo. Então eu acho que é muito importante esse direito de viver as etapas que a minha geração não viveu. Nós tínhamos que ser tudo, porque onde a gente

chegasse, como dizia no dito popular, nós tínhamos que resolver a parada!

Em relação a espaços de poder e decisão política, como você enxerga a participação de mulheres negras, hoje?

V: Eu penso assim: tudo que tem, tudo que se move, tudo que há de potência política hoje na sociedade brasileira, somos nós que fazemos, somos nós que movemos. A gente gostaria que tivesse também esse vigor, essa potência, que os homens, nossos irmãos negros, também assumam uma tarefa de construir desde a base, como nós temos construído. Isso é muito importante, mas para quem constrói da base até o topo. E eu falo de um topo, mas não de uma construção vertical, mas de um horizontal.

Eu penso que somos nós mulheres negras e tudo que a gente tem vivenciado de intensidade e sofisticação política, inclusive o resultado do ponto de vista da representação. E eu observo, por exemplo, no que é feito por mulheres negras no campo político, quando você vê o que há de criatividade na política, a exemplo de mandatas, como “*Ocupa Política*”, como fez Áurea Carolina, o que Érica Malunginho, o *Ocupa Política* lá de Belo Horizonte, quando você vê os mandatos coletivos e as posições da “Virada Marielle”, no Rio de Janeiro, com Renata Souza. Em Belo Horizonte, para além de Áurea Carolina, você tem Andréia Silva e todas que estão envolvidas na mandata, você tem essa virada política com Ingrid Farias e tantas outras companheiras no Recife. Quer dizer, o que a gente está fazendo com o debate político na Bahia tem muito a ver com esse acúmulo político de mulheres negras.

A marcha de mulheres negras, a construção que a gente fez de 2013 a 2015, que desembocou naquela marcha com mais de 60 mil mulheres em Brasília, em 18 de novembro de 2015, o Brasil pode ser visto antes e depois da Marcha de Mulheres Negras.

Eu lembro que estava em Curitiba, pela primeira vez, em 2013, para a gente fazer a

primeira reunião pública sobre a Marcha. Eu, Valdeci, Nilma Bentes do CEDENPA,²⁴ Emanuelle Góes, Valdeci Nascimento que estava lá, construindo o Odara, Regina Adami do Irohin²⁵ e as companheiras da Rede de Mulheres Negras do Paraná. Nós fizemos dentro do Encontro Nacional de Mulher e Saúde umas das reuniões nacionais para fazer a Marcha de Mulheres Negras, no Hotel Nacional em Curitiba.

Naquele mesmo ano de 2013, com o coletivo Carolina de Mulheres Negras, em Salvador, com Vera Lopes e tantas companheiras, a gente trouxe para a superfície o centenário de Carolina Maria de Jesus. Ao ler Carolina, ao ler *Quarto de Despejo Diário de Uma Favelada*, nós tomamos para nós o seguinte: Não cabe mais nenhum retrocesso! Não cabe não termos uma potente organização de mulheres negras. Eu acho que oito anos depois nós temos uma resposta contundente.

Eu gosto de andar sempre com o livro de Marielle para a gente lembrar que nós não podemos mais ser interrompidas. E gosto de lembrar pensando nos jovens que se levantam na UFBA - e em tantos lugares - mas principalmente a juventude que está lutando por um teatro e o direito de uma performance negra. Gosto de lembrar de que o racismo precisa ser interrompido. Não cabe mais na Bahia só poder ter uma deputada negra (quando tem), uma vereadora negra (quando tem). Não cabe se conviver naturalmente com a nossa ausência.

Então acho que tipo de resposta que a gente está construindo é a fala de Jurema Werneck e Maria Luiza Mendonça que está no livro da saúde das mulheres negras, que a gente organizou em 99/2000, no Brasil. *O Livro da Saúde das Mulheres Negras* é o segundo grande momento de escritas de mulheres negras, de escrivência depois daquele *Dossiê Mulheres Negras* de 95.

²⁴ Centro de Estudos e Defesa do Negro do Pará - Cedenpa <http://cedenpa.org.br/>

²⁵ Irohin, Centro de Documentação, Comunicação e Memória Afro-brasileira. <https://www.irohin.org.br/index.php#>

Quando a gente diz como subtítulo daquele livro que "*Nossos passos vêm de longe*", isso não é mera construção para ser bonito. A gente está dizendo que tudo que se move, tudo que a gente tem de disputa de narrativa e sustentação civilizatória saiu da nossa imaginação, das nossas mãos, do nosso pensamento. E a gente não pode achar que esse é um poder menor. Que esse é um poder a ser subestimado. E é isso que a gente tem como resultado neste momento.

Na nossa cidade de Salvador, com esse quantitativo de população negra existente, a que você atribui a pouca representação de mulheres negras na política em cargos eletivos?

V: Eu acho que tem muito a ver com essa naturalização da nossa ausência. Penso que faz parte de um projeto em que a colonização segue em carne viva e que essa colonização precisa ser interrompida. Penso que tem a ver com a nossa ausência no comando dos partidos políticos. O Brasil segue tendo em torno de 31/ 35 partidos. Nesse momento, 31 tem direito a fala e voto no Congresso porque tem mandatos parlamentares eleitos e constituídos.

A maioria desses partidos são coordenados e comandados com mãos de ferro de homens brancos. O poder ninguém vai dar. Poder não se dá, poder se conquista!

O tipo de gesto que eu vejo, por exemplo, quando a gente vê uma Marta Rodrigues, o tipo de poder político que foi possível como uma Luiza Bairos, foi tudo o início de uma mudança por que nunca vai ser fácil, mas a gente está construindo uma virada e é necessária essa virada. Não é mais possível esse desenho que está aí sem mulher negra, sem homem negro.

Não é mais possível porque há uma lacuna, há um vão muito grande entre a fala sobre representação e a representação real. Essa representação real faz-se com sujeitos políticos que estão sendo citados e que reivindicam efetivamente essa presença.

Você não pode falar em poder político e vai falar em nome das mulheres negras. A gente não aceita mais. E esse não aceitar mais eu penso que é a eleição de Olívia, a eleição de Marta, a votação de Laina Crisóstomo, nessa cidade - uma mulher que nunca havia sido testada nas urnas e que teve essa votação para ser Deputada Federal. Não alcançou porque precisava de muito mais voto, mas foi uma resposta importante aqui.

A gente deve trabalhar num sentido de mover, de renovar e dar um novo respiro para a política olhando para experiências que estão em curso no mundo e que não necessariamente foi nesses formatos tradicionais e mesmo experiências em curso no Brasil, como o *Ocupa Política*, com formato da busca pelo voto com uma busca coletiva.

Nós vamos ter que criar os mecanismos para que a mulher que está lá no terreiro, na hora de votar não sofra de uma amnésia cultural e política. Ela pensa: "*Não, essa proposta chegou aqui até o meu Terreiro! E eu me pareço com essa proposta. Eu tenho que votar nessa proposta*". O que é um outro tipo de convencimento político.

Essa ideia de que nessa cidade com 84% de negros e negras, você só pode ter uma deputada e que os negros e negras não devem se ousar a ter mais, a ser mais, acho que a gente tem que ousar lançar candidaturas majoritárias e quando a gente tiver, inclusive fazendo cumprir algumas Leis como o Estatuto de Igualdade Racial do Estado da Bahia, na hora dos governadores ocuparem os cargos comissionados, a gente deve lembrar do Estatuto e dizer: "*Opa! Diz o Estatuto aqui que 30% é para ser ocupado por quadros negros e negras*." Porque, obviamente, que a experiência Olívia Santana de ser Secretária Municipal da Educação de Salvador, ser Secretária de Políticas para Mulheres e Secretária do Trabalho também construiu esse caminho até a ALBA - a Assembleia Legislativa da Bahia.

Essas experiências às vezes alguns homens negros já viveram. Tem horas que a gente vai precisar também que alguns homens negros entendam que é importante sair da frente. Sair da

frente porque as mulheres negras estão chegando. Esse *sair da frente* não é você se diminuir, mas é você ter o alcance da compreensão política para daqui há vinte anos.

Semana passada, fazendo um diálogo no campo de organizações de base que trabalha com Direitos Humanos, eu fiz uma projeção para daqui a 21 anos. 21 é bom, é *Ogum*. Nós pensamos em muitas coisas que não cabem mais fazer.

Como eu dialoguei lá, pensei em como serão os próximos 21 anos num ponto de vista internacional e é importante que o Sistema Nações Unidas e a Cooperação Internacional - que neste momento retorna para o Brasil, consiga pensar que o que nós mulheres negras estamos construindo é muito forte, não pode ser parado.

E nós não vamos parar, porque nós nunca paramos. Nas tarefas internas, nacionais, tem um trabalho desde a base do local até uma forma mais nacional, que é de nós nos apresentarmos e sermos alternativas de poder e representação. Representação cheia, representação com cara e em cada instituição que está enfrentando o racismo, seja nas Defensorias Públicas e em todo Sistema de Justiça, seja nas Universidades, no Poder Executivo, em cada Secretaria, em cada programa que tenha as nossas caras. Que é para o nosso povo se reconhecer...

Isso é uma tarefa importante num país que quer superar o racismo porque nos humanizar e reconhecer essa nossa humanidade passa também por viabilizar essas "nossas", essas nossas caras para que haja auto reconhecimento e espelho.

Essa teoria do espelho da gente se ver... A menina olha para você e diz: "*Eu posso ser uma Defensora Federal*." O menino que está com a sua esperança roubada na esquina, quando a gente chega numa periferia, ou quem está em situação de rua, quando olha para a gente e diz: "*Eu posso ser Vilma Reis, eu posso ser Charlene Borges*."

Às vezes um jovem que a gente encontrou lá na oficina, em situação de rua, seis meses depois eu encontro e ele ou ela diz: "*Eu estou na Steve Biko e eu vou para a universidade*". É muito forte! Então o nosso povo precisa de espelho!

Assim, se a gente não se colocar como alternativa possível, a gente nunca vai fazer esse exercício. O exercício político que nós estamos fazendo é fundamental. As campanhas de organizações políticas como as nossas sempre precisam de caras reais, por isso. Temos bonecos, temos desenhos, o que às vezes é a possibilidade que a gente tem. Mas a gente precisa de caras reais, que é exatamente para um processo de empatia que é muito mais profundo do que a mera empatia sem debater o conteúdo político da empatia. A empatia que a gente está debatendo é do outro se reconhecer e o outro se levantar, de fato, da humilhação que nosso povo passa, da escola que o nosso povo recebe todo dia, que é muitas vezes de sabotagem à política.

A professora é sabotada e a estudante é sabotada. Quando ela pensa uma atividade e todos os recursos são roubados dela para não acontecer a atividade; quando ela quer falar lá de uma Defensora Pública Federal e bota a imagem e de repente não tem como ela pegar um ônibus e dizer: *“a gente vai visitar essa instituição, e você vai ver que o que eu estou falando é possível.”* Então é a nossa presença! Às vezes eu deixo de ir para uma Universidade e vou para uma “quebrada” lá em Sussuarana. Eu não estou desprezando a universidade, mas acho que o nosso povo que já está na universidade já passou por alguns muros que quem está em Sussuarana ainda não passou.

Às vezes você tem que ir no Bairro da Paz, porque quem está no Bairro da Paz está recebendo o *“não”*. As meninas da gente que estão desesperadas botando currículo, que às vezes não entendem a perversidade do racismo, têm que “se bater” com a gente para entender qual é o sentido de ser uma geração *“Cabeça erguida e bicão na diagonal”*. É muito forte! Eu às vezes fico pensando *“Nossa, a gente chega nos lugares e fala essas coisas, né?”*

Dia 16, eu fui lá para Pirajá com o Bando de Teatro Olodum para abrir oficina de Performance Negra no Bando - coisa linda, coisa linda assim, lá no Centro Cultural e de Cidadania

de Pirajá. Para as mulheres e os jovens que estavam lá, foi uma coisa muito impactante.

Falei duas horas de texto de Conceição, Manifesto da Rede de Mulheres Negras, *“Parem de nos matar”*, você vai falando aquelas coisas... era a abertura de um curso de performance negra e eu falando dos textos que podem mexer com a gente, e a gente falando de Carolina Maria de Jesus, falando de todas essas nossas Ialodês, todas essas nossas griôs.

Quando eu terminei, uma mulher que não está mais na categoria jovem, foi junto a mim e falou assim: *“o mais importante do que você falou aqui hoje foi sobre a violência contra as mulheres. Eu tava juntando minhas forças e hoje daqui eu saio e eu sei o que eu vou fazer”*.

Então, a gente não tem a dimensão da grandeza da nossa ação coletiva política cotidiana. Claro que eu estou extremamente cansada, eu saí da tarefa da Ouvidoria extremamente cansada, porque a gente fez de forma intensa.

Pessoas que nunca tinham ouvido falar no sistema de Justiça, ouviram pelas nossas bocas. Pessoas que estavam extremamente afastadas e que eram de movimentos potentes e nunca tinham ido na Defensoria, nem na [Defensoria Pública da União] DPU, nem na DPE, hoje elas sabem na primeira hora: *“ Vilma isso aqui é para a DPU ou para DPE?”* .

Eu fico assim alucinada de felicidade, entende? O orgulho que a gente tem de dizer para elas que você é Defensora Federal, entende? E o quanto isso é importante. Não se recue desse papel, por que a nossa presença tem efeito! Assim como a presença de uma Luiza Bairos teve efeito na minha vida nos anos 90.

Era um dos momentos dramáticos da minha vida, eu voltei para Bahia, eu fiz vestibular eu estava tão metida, né? Eu não entendia o que era esse nosso drama negro, eu estava só vivendo a experiência intensa do movimento negro. E assim, Charlene, nos últimos 30 anos eu não fiz outra coisa em minha vida que não ser militante e ativista do movimento de mulheres negras.

Na formação acadêmica, hoje eu estou terminando um doutorado sobre o enfrentamento das mulheres negras à violência institucional dentro dos bairros negros de Salvador. Acabei de escrever com as companheiras da USP o texto: "*As Interfaces do Genocídio e as questões de Raça, Gênero e Classe na Sociedade Brasileira*".

Quando eu e Tânia Palma fomos, no final de 2017, para a ONU Mulheres falar o que era a nossa experiência, eu falei assim: "*misericórdia, mas a gente já fez tudo isso?*" Porque na hora que a gente parou para juntar, em 2017, nós tínhamos feito um Plano de Gestão para a Ouvidoria e Defensoria Pública do Estado da Bahia em 2017 a 2019 e foi uma coisa, assim, em 58 imagens. Assim que a gente viu, eu falei: "*misericórdia, a gente mexeu com tudo isso, né?*". E a gente mexeu. Porque não tem ninguém nesse Estado que não tenha ouvido falar no Sistema Defensoria Pública. Essa imagem da gente ainda é poderosamente pedagógica.

Você vê os meninos negros tomando coragem de vir para essa instituição e trazendo - como Nathan Cruz trouxe - a família inteira de Vitória da Conquista para dar posse a ele. Você vê uma Vanessa Nunes com toda essa coragem, imagine, né?

Eu me lembro dividindo a mesa contigo no Movimento da População em Situação de Rua, com Lúcia lá no meio da gente né? Você e Bruno. Quando Lúcia partiu, eu pensei: "*Meu Deus a gente fez tudo isso junto!*". O trabalho para construir a Conferência de Saúde de mulheres negras em situação de rua... e a gente nunca separa o saber, a produção, uma nova epistemologia, da construção que está no meio da rua.

Esse, para a gente, é um modo de ser feminista. Esse para a gente é o modelo. Não vai ter algo em que nós somos *outsider*, em que nós estamos distantes. A nossa obra é construída no fogo da luta. E dessa luta nós não somos observadoras, as mulheres que nós formamos na luta, ou que a gente está junto, elas não são

sujeitos, digamos, objetos. Elas são sujeitos de pensamento.

A gente está aqui conversando e nessa conversa vai se ter um equilíbrio. Então eu sou sujeito de conhecimento e você é sujeito de conhecimento. E eu acho que essa que é a força, não haverá nada sobre nós sem nós. Estamos aqui, a nossa pedagogia é uma pedagogia de desobediência.

Nós precisamos dessa desobediência negra e feminista para dar essa virada no país e essa virada está em curso e não vai ser possível nos barrar, nos paralisar, nos botar em algo que não tem compreensão. Ao contrário, o novo Brasil, o novo e a nova estética política no Brasil são com a gente!